



As narrativas de bicicleta como fenômeno midiático e a emergência do narrador midiaticizado

Demétrio de Azeredo Soster¹

Resumo

Analisa-se as semioses que se estabelecem quando as narrativas de viagem; nelas, as narrativas de bicicleta, ou narrativas cicloturísticas (SOSTER, 2018), transformam-se em fenômenos midiáticos. Ou seja, no diálogo com Veron (2013) quando passam a ser veiculadas em dispositivos midiáticos (sites, redes sociais, livros etc.), adquirindo autonomia e persistência; estabelecendo relações, transformando e sendo transformadas neste movimento. A hipótese que nos move é que, quando isso ocorre, em decorrência da processualidade da midiaticização, este modelo de narrativa é midiaticizado, reconfigurando-se. Uma das faces desta reconfiguração é a emergência de um narrador midiaticizado, que sucede o narrador moderno, de Benjamin (2012), e o pós-moderno, de Santiago (2002). Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, nos moldes de Demo (2000). O objeto analisado será o projeto Mochila & Bike, desenvolvido pelo cicloturista Aldo Lammel.

Palavras-chave

Narrativas; Narrativas de Bicicleta; Narrativas Cicloturísticas; Midiaticização, Narrador Midiaticizado

Extratos narrativos reconfigurados

Este artigo parte do princípio que a processualidade da midiaticização, ao se interpor nas narrativas de bicicleta, transformando-as em fenômenos midiáticos, interfere também na deontologia dos extratos narrativos localizados no âmbito das processualidades internas dos dispositivos – primeiro, segundo e terceiro narradores, que explicitaremos adiante, midiaticizando-os. Emerge, dessa forma, no percurso evolutivo iniciado por Benjamin (2012) e seu narrador moderno; e

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado e Doutorado e do Departamento de Comunicação Social da Unisc. Pós-doutor pela Unisinos. E-mail: deazedososter@gmail.com



prosseguido, mais adiante, por Santiago (2002), com o narrador pós-moderno, um terceiro extrato, que vamos chamar, seminalmente, de narrador midiaticizado.

Plurivocal e multifacetado, o narrador midiaticizado também se diferencia dos demais níveis narrativos identificados anteriormente por Genette (1988), na literatura, e, depois, por Motta (2013), no jornalismo, pelo fato de sua identidade estar afeita antes a uma processualidade que a um lugar situacional, como veremos adiante. Também por se reconfigurar constantemente em decorrências das interposições e atravessamentos provocados pelos circuitos múltiplos no âmbito das atividades sistêmicas.

Para dar conta de nosso propósito, do ponto de vista metodológico, iniciaremos contextualizando de que forma as narrativas de viagem e, nelas, as de bicicleta, tornam-se fenômenos midiáticos e preparam, dessa maneira, as bases para sua inserção na discursividade midiática. Depois, e ainda no âmbito da revisão bibliográfica, discorreremos a respeito dos primeiros, segundo e terceiro narradores, e de como estes conceitos se complexificam quando afetados pela processualidade da midiaticização. Feito isso, teremos condições de observar, com mais cuidado, este que estamos chamando de narrador midiaticizado e sua relação com os extratos que lhe antecederam (moderno e pós-moderno). Ilustraremos nossa análise com o projeto Mochila & Bike², desenvolvido pelo cicloturista Aldo Lammel.

Ainda na perspectiva metodológica, trata-se, o artigo, de uma visada de natureza qualitativa, nos moldes de Demo (2000). Dizê-lo dessa forma implica subsumir que possui ao menos duas dimensões a serem consideradas quando de sua análise: qualitativas, ligadas à diversidade, complexidade e incompletude dos fenômenos que a compõe; e quantitativas, que nos remetem às partículas mensuráveis do objeto analisado (variações, incidências etc.). Sob outro ângulo, e agora com Ferreira (2013), trata-se de um objeto que, por sua “condição”, midiaticizada, convida-nos a superar o que chama de epistemologia dos “objetos separados” por pelo menos três motivos, a saber:

² <https://aldolammel.com/mochilaebike>



Primeiro, porque investigar a comunicação em sociedades midiaticizadas requer a superação dos objetos separados, base de outras constituições epistemológicas (teorias sociais, da linguagem e informacionais-cibernéticas). Segundo, porque deve compreender a circulação. Na circulação, o objeto é singular, na medida em que imerso numa configuração própria ao caso, conexão imprevista de códigos, estruturas e sistemas em interação, mobilizados pelas posições cambiantes entre produção e recepção, colocando em xeque posições históricas construídas. (FERREIRA, 2013, p. 76)

A superação, neste caso, e ainda no diálogo com Ferreira (2013), se dá, portanto, por meio da ruptura com os modelos analíticos vigentes, mas, também, considerando que este movimento a integra em uma nova problemática; não é, portanto, excludente, e sim complementar. Partindo-se desde pressuposto, uma estratégia possível é considerar, agora com Fausto Neto (2010), que estamos falando, de um lado, de processos enunciativos, aqui pensados como a) matéria significativa (as pistas discursivas por meio das quais reconhecemos as narrativas de bicicleta como tal), mas, também, b) como aquela que organiza procedimentos de práticas enunciativas de caráter midiático, que nos interessa particularmente:

Há duas dimensões de estratégias: na primeira, a enunciação engendra discursos, dando-lhes existência; na segunda, o discurso, ao ser convertido numa espécie de 'discurso paciente', é transformado em objeto de análise de um outro trabalho enunciativo, que é o de caráter metodológico. Deparados por temporalidades e práticas distintas, ambos têm na atividade enunciativa uma espécie de elo de contato, que é o trabalho de constituir as discursividades, bem como de analisar e produzir efeitos sobre suas manifestações. (FAUSTO NETO, 2010, p. 14).

Dito isso, observemos de que forma as narrativas de bicicleta se tornam fenômenos midiáticos e preparam, dessa maneira, as bases para sua midiaticização.

Narrativas como fenômenos midiáticos

No diálogo com nosso percurso de pesquisa (SOSTER, 2018), começamos reafirmando que as narrativas de bicicleta se transformam em fenômenos midiáticos a partir do momento em que são registradas por dispositivos tecnológicos. Ao sofrerem o registro, ganham corpo narrativo



em diferentes linguagens como áudio, vídeo e texto, passando a ser dotadas de autonomia e persistência, estabelecendo, dessa forma, as bases por meio das quais se inserem na discursividade midiática. Com isso, afetam e são afetadas pela midiatização, midiatizando-se, provocando, neste movimento, transformações as mais diversas.

Isso ocorre, de um lado, quando, mais que relatar, a quem quer que seja, o que viveu em sua viagem, o cicloturista registra – antes, durante ou depois da ciclovagem, em qualquer dispositivo (caderno, livro, site, rede social, blog etc.), por meio de tecnologias as mais diversas (câmaras, gravadores, máquinas fotográficas etc.) sua experiência. Perpetua, dessa forma, o momento vivido e provoca transformações as mais diversas. Mas, também, quando este movimento (de registro do vivido) se interpõe como processo interacional de referência (SOSTER, 2018), ou seja, como se torna algo tão importante quanto a necessidade de se ter uma bicicleta para viajar.

Pensados com Verón (2013), sob outro ângulo, os fenômenos midiáticos se articulam a partir de gramáticas; ou seja, de processos discursivos de produção de sentido, dotados de três características: *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*. A autonomia a que nos referimos no parágrafo anterior é da ordem da *primeiridade*, ou seja, de quando os sentidos são materializados em dispositivos como livros, sites etc. Por este viés, a história contada por um cicloturista num dispositivo tecnológico que viabilize e retém essa narrativa ganha alcance e se separa de seu autor, passando a ter vida própria, de onde o adjetivo “autônoma”. É a partir deste momento que se inicia a *secundidade*, ou seja, a geração de “histórias”, ou acontecimentos, protagonizados pelas pessoas que viajam de bicicleta.

É o que ocorre, por exemplo, quando lemos, cada uma a seu tempo, modo e lugar, os referidos relatos: as narrativas serão sempre as mesmas, o que muda é a forma como são compreendidas por quem as acessa. É neste ponto que vamos nos deparar, em nossa reflexão, com aquilo que Verón (2013), preocupado com as condições de circulação do sentido, chamou de *terceiridade*: “Cuando el sentido cobra cuerpo y entra em relaciones históricas, se plantea inmediatamente, la *terceridad* de las reglas que definen las condiciones de acceso ao sentido, es decir, las



condiciones de su circulación³”. (VERON, 2013 p. 148-149).

Uma vez compreendidas como fenômenos midiáticos, portanto, podemos então circunscrever nossa atenção para o que ocorre no interior dos dispositivos onde as referidas narrativas têm lugar. Dito de outra forma, pensá-las, processualmente, a partir de seus narradores, o que nos permitirá, mais adiante, alcançar nosso objeto, o narrador midiático.

Narrativas e seus narradores

Sabemos, com Motta (2013), que são em número de três os narradores que compõem os dispositivos: primeiro, segundo e terceiro narradores. Ainda que tenham sido pensados para refletir sobre a disputa de vozes no âmbito dos jornais impressos, podem ser adaptados às nossas necessidades, caso queiramos nos valer deles para pensar as narrativas de bicicleta como fenômenos midiáticos. De uma forma simplificada, e sem pretensões totalizantes, ficam assim explicitados:

Primeiro narrador. É extradiegético, ou seja, está “fora da história”. No caso das narrativas de bicicleta, ele é quem mantém o site, a rede social, quem dá forma ao livro, mas, também, quem está por trás, do ponto de vista organizacional e institucional, das marcas. No caso do Facebook, pensado como site de rede social, o primeiro narrador é a) o próprio espaço (a página em que o relato é registrado), b) quem escreve nele, mas, também, c) o Facebook, com suas limitações e constrangimentos.

Segundo narrador. É o autor do relato, neste caso, o cicloturista que escreve e que posta as fotos e os vídeos. Mesmo restrito às condições e limitações impostas pelo primeiro narrador (no exemplo analisado, do Facebook, formato do relato, alcance, recursos passíveis de serem utilizados etc), ele tem considerável liberdade de expressão. É vetado somente quando suas

³ Em uma tradução livre: “Quando o significado adquire um corpo e entra em relações históricas, se inicia imediatamente a *terceiridade* das regras que definem as condições de acesso ao sentido, isto é, as condições de sua circulação”.



postagens, por exemplo, ferem as regras do Facebook; momento em que o primeiro narrador de desvela, mas, no geral, possui liberdade de expressão.

Terceiro narrador. São as fontes que o cicloturista se utiliza em suas histórias. Ou seja, as pessoas que são retratadas nas histórias contadas.

Gráfico 1: vozes narrativas no dispositivo



Fonte: elaboração do autor

Se considerarmos, no entanto, que a processualidade da midiatização, ao interferir na processualidade interna dos dispositivos, acaba por reconfigurar suas disputas de vozes internas, nos moldes do que pensamos com os livros-reportagem (SOSTER, 2016, 2016-a, 2015), podemos dizer que o mesmo se verifica com as narrativas de bicicleta. Basicamente porque a) as narrativas de bicicletas são estruturas narrativas (SOSTER, 2018), e, como os livros-reportagem, b) não estão presas às lógicas produtivas que exigem, por exemplo, das mesmas, quando pensadas pelo jornalismo, periodicidade para se constituir como tal, como ocorre com os jornais impressos. Com isso, o segundo narrador passa a ter uma centralidade discursiva, na relação com o modelo de Motta (2013).

O Gráfico 2 nos mostra como isso se dá:

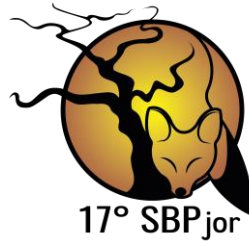


Gráfico 2 – processualidades diferenciadas

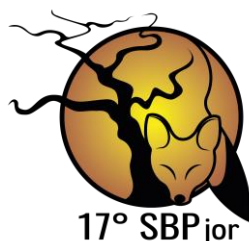


Fonte: elaboração do autor

Antes de prosseguirmos, é importante salientar que, ainda, que a midiatização afeta todos os extratos narrativos existentes no interior dos dispositivos; ainda assim, nossa atenção, neste momento, se dará especificamente sobre o segundo narrador. Ou seja, sobre o cicloviajante que transforma sua narrativa em fenômeno midiático ao veiculá-la em um dispositivo, midiatizando e se tornando-se, dessa forma, ele próprio um narrador midiatizado. Assim, sempre que nos referirmos, doravante, ao narrador midiatizado, estaremos falando do segundo extrato narrativo, ou segundo narrador, a partir da classificação de Motta (2013). Os demais narradores receberão sua necessária atenção em momento oportuno.

Estruturas discursivas

Desde que o tema “narrativas de bicicleta”; e, nele, sua midiatização, interpuseram-se em nosso percurso de pesquisa, passamos a observar, com mais atenção, as estruturas discursivas das primeiras como estratégia para compreendermos, mais adiante, o que emerge de seus processos de enunciação. Por este viés, identificamos, por exemplo, que a natureza textual deste modelo narrativo, que classificamos como fático-descritivo, representam o ponto de vista, ou a fala, de narradores com o objetivo de narrar uma experiência vivida. As narrativas são fático-descritivas basicamente porque se propõem a descrever a experiência vivida pelos cicloturistas, o que ajuda

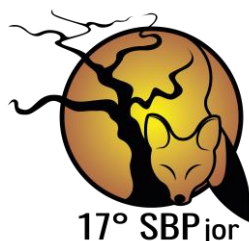


a entender porque, via de regra, são escritas em primeira pessoa. Estas narrativas, por sua vez, são estruturadas a partir de depoimentos de caráter testemunhal, ou seja, de pessoas que, ao escreverem, posicionam-se como testemunhas do que aconteceu, seja na condição de protagonista do vivido, ou não.

A diferença, que estamos defendendo neste artigo, tem a ver com a forma por meio da qual as narrativas de bicicleta se estabelecem e sua anatomia. “As experiências de vida das pessoas são cada vez mais *mediadas* (grifo nosso), elas tomam cada vez mais contato com o mundo exterior através de representações virtuais e discursivas da realidade.” (MOTTA, 2013, p. 28). É dizer, por outras palavras, que são narrativas que emergem da relação entre pessoas e dispositivos técnicos, e que chegam até nós por meio de sites, livros etc. Estamos falando de estruturas narrativas que valorizam, e aqui no diálogo com Sodré (2009, p. 187), “(...) as ‘viagens’ (tanto no sentido estrito da palavra quanto metafórico, como ação potencializadora da sabedoria individual) caracterizadas como ‘experiência’ para o escritor”, mas que o fazem, como dito, por meio do uso de dispositivos de natureza tecnológica.

Na condição de narrativa “mediatizada”, estas narrativas acabam por trazer consigo características dos narradores que lhes antecederam (PICCININ, 2012). Pensando-se em Benjamim (2012) e sua concepção do narrador sábio, capaz de dar conselhos, porque trazem consigo a perspectiva da transformação pessoal, o que se dá, como dito, pelo relato da experiência do vivido, pela noção de “moral” intrínseca à narrativa como perspectiva de autoconhecimento (GAI, 2) . O caráter testemunhal dos escritos, invariavelmente em primeira pessoa e descrevendo as coisas que viveu, as pessoas que conheceu no caminho, contribuem decisivamente para isso. É o mecanismo por meio do qual, e aqui com Sodré (2000, p. 180) novamente, são transmitidos os conselhos, os ensinamentos, as lições apreendidas e as práticas de vida; onde o narrador pré-moderno de Benjamim (2012) tem lugar, enfim.

Esse tipo de narrativa constitui a base comunicativa do grupo social, portanto, as formas primordiais de transmissão do *ethos* comunitário, ou seja, de tradições e modos de ser. Sua temporalidade é necessariamente lenta, já que a interiorização harmônica das experiências demanda, para o ouvinte, o intervalo prudente entre os



relatos; para o narrador, o próprio acúmulo temporal como critério de sabedoria. (SODRÉ, 2000, p. 180)

Por que as narrativas de bicicleta como um modalidade de narrativa de viagem, recuperam em sua maioria como veremos adiante, o caráter artesanal da narrativa, nos moldes de Benjamin (2012), ressignificando essa artesanidade a partir do uso dos dispositivos técnicos e valendo-se das condições de autonomia e persistência geradas nesse narrar que a esses dispositivos se adequa e deles tire o melhor partido, conforme Santiago (2002)? Porque nestes momentos, o narrador é tanto um repórter, ou espectador – distante, portanto, na cena narrada – quanto alguém que é protagonista desta e que, ao vivenciá-la se transforma. “Ele (o narrador) narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da plateia, da arquibancada ou de uma poltrona da sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante” (SANTIAGO, 2002, P. 45). Da narrativa pós-moderna, esse narrador midiaticizado traz a moral, o bom conselho, pensado sobretudo em termos de atributo de linguagem e como uma condição essencial à narrativa. Em sintonia com a estética pós-moderna que concilia a racionalidade moderna com a construção narrativa do assistido e vivido como grande espetáculo.

Dito isso, e antes de realizarmos considerações interpretativas partindo do objeto empírico, temos condições, quem sabe, e ainda de forma seminal, delimitar conceitualmente o que entendemos por narrador midiaticizado. Chamaremos, doravante, de narrador midiaticizado aquele narrador que, ao ser afetado pela processualidade da midiaticização, midiaticiza-se. Ser midiaticizado, neste caso, significa existir enquanto fenômeno midiático, ou seja, ser um narrador dotado de autonomia e persistência, o que só pode ser pensado quando seus relatos são veiculados em um dispositivo de natureza comunicacional (site, blog, rede social, jornal, livro etc), jornalístico ou não.

O narrador midiaticizado é um narrador cuja identidade é cambiante, ou seja, que se transforma constantemente pela experiência vivida e que, assim, a relata. Ele pode ser, portanto, tão benjaminiano (2012), e estruturar, em suas narrativas, pendores morais, de transformação pessoal, por exemplo, quanto pós-moderno, à Santiago (2002), e, ao olhar, reportar sobre o contemplado como ideia de transformação enquanto recurso discursivo. Trata-se da soma das duas possibilidades.



O narrador midiaticizado, nessa perspectiva, não está, ou enxerga, o/no que narra; ele é a narrativa, relacionalmente, construindo uma performance, sobretudo, autonarrativa. Ser a narrativa, neste caso, para além das visadas teórico-estruturais, implica pensar em relação, ou seja, ser/com em acordo com o que acontece no processo de midiaticização das narrativas de bicicleta. Estas narrativas passam, necessariamente, pela compreensão que representam, também, mudanças para este narrador – agora midiaticizado e para quem a viagem é concebida em termos das possibilidades e necessidades de narrá-la, tendo em vista, inclusive, os processos interacionais de referência, nos moldes apontados por Braga (2012)

Ou seja, existem estes processos interacionais que se dão não apenas como intenção desejada – necessidade de contar algo a alguém, mas porque é assim que os narradores midiaticizados são, em essência. Em outras palavras, viajar de bicicleta parece implicar, igualmente, em pensar o registro e registrar, por meio de dispositivos tecnológicos, a viagem em si, bem como, usar os registros, mais tarde, ou concomitante, para estruturar narrativas antes como um ato natural que como uma intenção desejada, apenas. Observa-se assim, que por força do ambiente socio-técnico-discursivo marcado pela manifestação e corporeidade do dizer em razão das possibilidades ofertadas pelos *gadgets* disponíveis, viajar e narrar funde-se numa condição e experiência única, uma em razão da outra e vice-versa.

Tem-se uma história contada pelo viajante que ganha autonomia porque a narrativa se “desprende” de seu autor, ganhando outros alcances, provocando interações e sendo provocada pelas mesmas, além de manter-se como registro ao longo do tempo em certa constância, dando corpo à persistência. Por fim, a narrativa midiaticizada atinge um sentido, neste caso, de certa transcendência porque impele no narrar, à qualidade de organizar os sentidos e atenuar as tensões, atualizando, portanto, o potencial narrativo de autoconhecimento (GAI, 2018), como impulso estetizador da experiência (FREUD, 1997) e como produtor de sentidos (NIETZSCHE, 1998). A artesanidade do narrador sábio se une à racionalidade dos dispositivos técnicos, agora ressignificada numa narrativa que tenta dar nova subjetividade a um narrar que contempla e que também experiência o narrado.



Considerações interpretativas

Encaminhamos nossa reflexão afirmando que pensar a mediação das narrativas; nelas, de seus narradores, implica considerar, quem sabe, a perspectiva por meio da qual constatamos a emergência de um narrador mediado no cenário proposto. Ou seja, a processualidade da ambiência em que fenômenos dessa natureza têm lugar, de matizes sócio-técnico-discursivos. Por este viés, e trazendo à discussão o conceito de semiose de Verón (1980), veremos que a chave hermenêutica para a referida metamorfose, ou reconfiguração, seja, quem sabe, compreendê-la como de natureza relacional.

Semiose significa: “(...) uma ação, ou influência, que é, ou implica, a cooperação de três sujeitos (*subjects*), a saber, um signo, seu objeto e seu interpretante, relação ternária (*tri-relative influence*) que não pode de modo algum resolver-se em ações entre pares”. (VERÓN, 1980. p. 181) Ou seja, e de forma econômica, afeita aos sentidos que emergem quando todos os atores, ou sujeitos, envolvidos nos processos de produção discursiva relacionam-se entre si.

É o que temos quando os homens, suas tecnologias e técnicas redesenham, relacionalmente, o mundo em que vivemos por meio de narrativas. Tomando-se como conceito de fundo as narrativas de viagem; nelas, as cicloturísticas, ou de bicicleta, e tendo como recorte o projeto “Mochila & Bike”⁴, do gaúcho de charqueadas (RS) Aldo Lammel, que estamos acompanhando desde 2017⁵, encontramos, quem sabe, algumas pistas por meio das quais possamos ilustrar o que estamos sustentando.

Mochila & Bike

Trata-se, o projeto, de uma volta ao mundo que Lammel, um publicitário gaúcho da cidade de Charqueadas, especializado em comunicação digital – autodefinido, em seu site, como “produtor audiovisual, aventureiro, roteirista, escritor, cicloativista e músico”, realizou de bicicleta ao redor

⁴ <https://aldolammel.com/mochilaebike>

⁵ Parte dos exemplos que ilustram nossa reflexão foram apresentados, seminalmente, na SBPJor de 2017. Trata-se, aqui, de uma atualização, considerando que a cicloturagem se encerrou. Este mesmo caso é analisado no e-book *Narrativas de Viagem* (Catarse, 2019)



do mundo desde janeiro de 2015, e ao longo de três anos e meio, percorrendo, no caminho, 33 países em 1.135 dias.

O “Mochila & Bike” nasce, igualmente, da vontade do escritor-viajante de viajar pelo mundo de bicicleta, mas, também, de relatar suas aventuras, o que faz por meio das mais diferentes plataformas: Youtube⁶, Facebook⁷, livro digital⁸, site⁹, twitter¹⁰, Instagram¹¹, vlog¹² etc.

Imagem 1 – Mochila & Bike



Fonte: <https://aldolammel.com/mochilaebike>

O ciclista Aldo Lammel, recordemos, inicia sua longa viagem ao redor do mundo com o objetivo de se aventurar, de descobrir novas gentes. Para isso, deixa emprego, namorada e segue em direção ao horizonte; ele, sua bicicleta, o equipamento de sobrevivência (barraca, cozinha etc.) e seus aparelhos eletrônicos – computador, tablet, câmera fotográfica etc. O projeto foi

⁶ https://www.youtube.com/channel/UCjK_6o4JAwe7EcX7R126kqA

⁷ https://www.facebook.com/avlammel?ref=br_rs

⁸ <https://medium.com/mochilaebike-fotos/livro-de-fotografias-7c475fd25e36>

⁹ <http://mochilaebike.org/sobre.php>

¹⁰ <http://twitter.com/aldolammel>

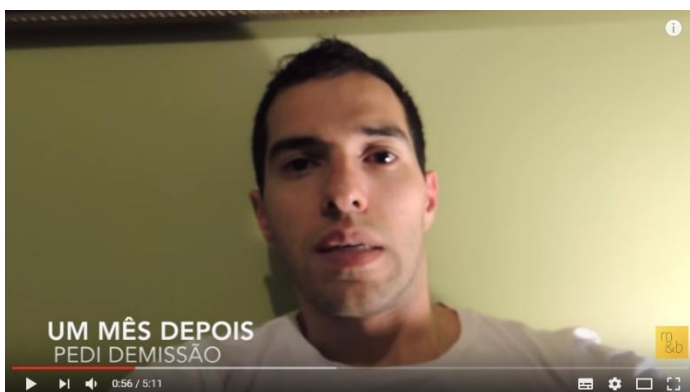
¹¹ <http://instagram.com/aldolammel>

¹² <https://www.youtube.com/playlist?list=PLseCxr4VPoInJ9FLq42peGW5BSBOC6oW>



desenvolvido durante 15 meses, período em que Lammel cuidou de registrar seus movimentos e publicizá-los à medida que se realizavam, conforme demonstra a imagem 4:

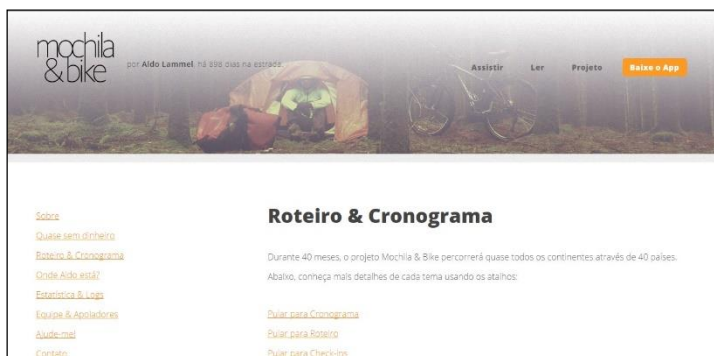
Imagem 2 – Desligamento do emprego



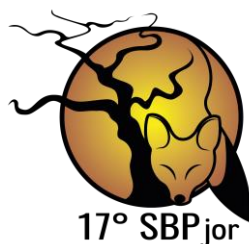
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LkLV6YKOUSE>

Um mês depois de ter tomado a decisão de realizar uma cicloturagem pelo mundo, Lammel grava um vídeo no youtube dizendo que se desligara do emprego; mas adiante, que terminara seu relacionamento. A Imagem xx registra todo o roteiro e programa da cicloturagem:

Imagem 3 – Site com etapas da viagem

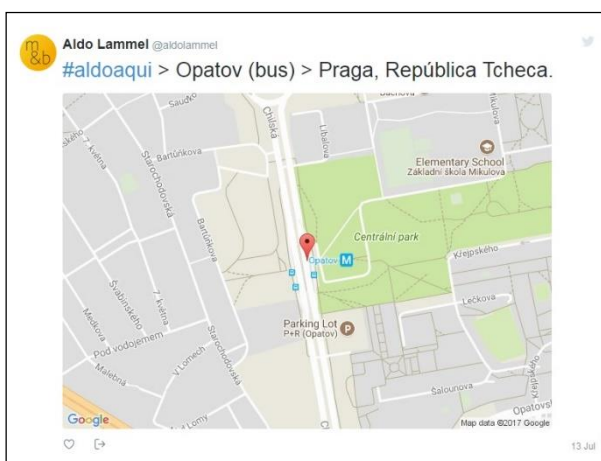


Fonte: <http://mochilaebike.org/roteiro-e-cronograma.php>



Além de informações sobre a viagem, o site fornece um serviço de geolocalização – Swarm APP¹³ em que torna possível saber a localização exata no momento em que se acessa o site. É o que ocorre quando Lammel se encontrava na República Tcheca, conforme demonstra a Imagem x

Imagem 4 – Geolocalização via APP



Fonte: <http://mochilaebike.org/roteiro-e-cronograma.php>

À medida que ele captura, por meio por meio de texto, áudio e vídeo o que está vivendo, e que veicula o narrado, em primeira pessoa, em seu site, transforma a experiência em fenômeno midiático e, sem seguida, lança o mesmo à discursividade midiática, midiaticizando, uma vez mais, a própria experiência. Nas primeiras semanas, meses, na condição de testemunha de seus próprios atos e decisões, sem maiores pretensões que não dizer do vivido. Seu texto, aqui, é referencial. Na imagem 5, em La Paz, na Bolívia, por exemplo, Lammel afirma, aos 5'34 de gravação, que é a primeira vez que fará um relato de improviso, sem edição.

Imagem 5 – Relatos não planejados

¹³ <https://www.swarmapp.com/>



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qeXII-AalFE>

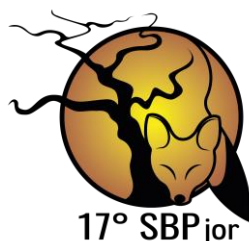
Aos poucos, no entanto, e à medida que a ciclovagem avança, a o tom da narrativa vai se tornando pedagógico, com um narrador preocupado em ensinar, aos pares e a quem lhe acessar, as coisas que sabe. É o que se depreende do trecho abaixo, quando Lammel compartilha, via youtube, o que chama de “suas experiências para executar tarefas, conseguir algo ou vencer desafios em prol de uma viagem mais econômica, longa, cultural e divertida”¹⁴.

Imagem 6: dialogando via Youtube



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=I4nXN_P9xKs

¹⁴ Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=I4nXN_P9xKs] Acesso em: [17 de julho de 2017]



Ou neste outro momento, quando passa a oferecer novas formas de acesso aos que com ele dialogam, quando, em sua página no Facebook¹⁵, anuncia a criação de um aplicativo (APP) para melhorar a comunicação, e com, isso, estreitar relações:

É OFICIAL - AGORA TEMOS NOSSO PRÓPRIO APP! Agora você pode acompanhar todos os conteúdos da volta ao mundo de uma forma muito mais rápida pelo celular: vlog, websérie, diário, manual, roteiro, estatísticas e nossas redes sociais 😊:)

Vale lembrar que tudo aqui é independente e ainda não colocamos nosso app na Google Play por ser caro para nós (US\$25/anual), mas ainda assim você pode baixar direto do nosso site e instalar com segurança. Versão para iPhone e iPad, em breve.

Baixe o App: <http://mochilaebike.org>¹⁶

Trata-se do mesmo narrador que, no post veiculado em sua página do Facebook¹⁷ a 26 de maio de 2016, informa que ficará em silêncio por alguns dias. Por quê? Porque precisa ficar sozinho com sua namorada, Verônica, uma garota que conheceu durante sua passagem pelo Leste europeu e por quem se apaixonou.

Tudo o que peço a quem me acompanha desde 2015 quando pus meu apartamento pra alugar e fui pra estrada e a quem passará a me fazer companhia desde agora, peço que respeite meu momento de estar quietinho em Praga com a minha flor antes de termos de dizer adeus um para o outro pra seguirmos sonhos em direções opostas por vivermos momentos de vida tão diferentes. A vida não é preto no branco como regras escritas num manual para amadores, as histórias são complexas e com infinitas perspectivas. **Usfrua de tudo o que compartilho no Youtube, Facebook e em meus livros gratuitos no Medium** (grifo nosso) que te prometo que vc encontrará novas possibilidades bem diante dos teus olhos, sem mágica ou romantismo em excesso.

Observe-se que ele narra sua própria reclusão, colocando-se, neste movimento, em uma distância respeitosa do narrado, ainda que saiba com muita propriedade e precisão o que o personagem

¹⁵ https://www.facebook.com/avlammel?ref=br_rs

¹⁶ Disponível em: [<https://www.facebook.com/avlammel/posts/10213514437518750>] Acesso em: [17 de julho de 2017]

¹⁷ <https://www.facebook.com/avlammel>



Lammel está vivendo, o que necessidade e o que está por vir daqui para a frente. Cabia-se, no espaço de algumas postagens, da modernidade, e suas variáveis, à pós-modernidade, o que nos permite categorizá-lo de midiaticizado.

Imagem 7 – Em Praga, com a namorada



Fonte: arquivo pessoal

Uma vez de volta ao Brasil, o sonho de protagonizar uma grande aventura, superando limites e medos por meio de uma volta ao mundo de bicicleta, adquire outras nuances. Transforma-se em uma narrativa estruturada e de contornos bem definidos, não mais ocasional, à revelia da sorte; mas com começo, meio e fim. Nela, o narrador, na condição de protagonista do vivido, mas também de testemunha deste não apenas narra sua experiência como define o sentido geral dela. Isso ocorria antes, é verdade, mas, não de forma tão estruturada; busca-se, agora, um sentido mais amplo. Temos acesso, assim, logo no alto da página, à direita, via plataforma Youtube, à websérie produzida ao longo da cicloturagem. O texto ao lado do link esclarece seu propósito:

(...) a websérie **independente** *Mochila & Bike* documenta a aventura de um **brasileiro de classe-média que não fala outros idiomas, mas quer ver o mundo de uma forma muito particular**. Originalmente criado para internet, e posteriormente levado à TV por assinatura, *Mochila & Bike* nos apresenta uma **aventura solitária e de bicicleta** ao longo de 1.135 dias por 33 países. **Mais do que sotaques, culturas e zoeira, *Mochila & Bike* emana uma forma nada convencional e profundamente original de se contar uma história de**



viagem. Uma viagem sobre como se divertir ao máximo com quase nada. (...) ¹⁸.

Os grifos representam pistas significativas: a websérie é “independente”; quem cuida dela é o próprio Aldo Lammel, que assume para si o lugar de (segundo) narrador, por meio do uso de plataformas gratuitas, caso do youtube. Somos informados que a websérie é idealizada, produzida e contada por um “(...) brasileiro de classe-média que não fala outros idiomas, mas quer ver o mundo de uma forma muito particular”, e que realiza “(...) aventura solitária e de bicicleta (...)”. Ou seja, sugere que haja uma transcendência, que, por sua vez, “(...) emana uma forma nada convencional e profundamente original de se contar uma história de viagem”.

Encerramos reiterando que, se, de um lado, observamos a emergência do narrador que estamos chamando de midiaticizado, cujo estatuto dialoga, em essência, com a complexidade dos dias que se seguem, novos desafios se interpõem no caminho dos que, como nós, pretendem compreendê-lo. A começar por aceitar que a midiaticização afeta os demais extratos narrativos no interior dos dispositivos, a saber, o primeiro e o terceiro narradores, midiaticizando-os, igualmente. Chega-se, então, à compreensão de que a midiaticização, ao afetar as narrativas, aglutina formas canonicamente reconhecidas, acrescentando às mesmas novas possibilidades, que devem considerar a ressignificação do próprio contemporâneo, cujo narrador, midiaticizado, sabemos, é multifacetado e plurivocal.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre a literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

FAUSTO, Antonio. As bordas da circulação. In: **Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina.** Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Anais... Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010.

¹⁸ Disponível em: [<https://aldolammel.com/mochilaebike>] Acesso em: [02 de junho de 2019]



FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GAI, Eunice Piazza. **Narrativas e conhecimento**. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 5 – n. 2 – p. 137-144 – jul./dez. 2009. Disponível em: [<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1247>] Acesso em: [Outubro de 2018].

GENETTE, Gerárd. Figuras III. Barcelona: Lumen, 1988.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília (DF): Editora UnB, 2013

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PICCININ, Fabiana. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplo: para pensar a narrativa no contemporâneo. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

SANTIAGO, Silvano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O cicloturismo, o jornalismo, e a midiaticização das narrativas de bicicleta**. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/viewFile/610/316>. Acesso em: 28 de agosto de 2018

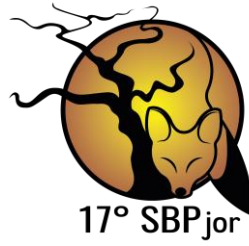
SOSTER, Demétrio de Azeredo. 2016. A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador. *Signo* (UNISC, online), **1**:154-161.

SOSTER, D. A. **A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador**. *Signo* (UNISC. Online), v. **1**, p. 154-161, 2016-a.

_____. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: A. C. R. P. TEMER; M. SANTOS (Org.). **Fronteiras híbridas do jornalismo**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015, v. 3, p. 161-176.

VERÓN, Eliseo. **La semiose social 2: ideas, momentos, interpenetrantes**. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2013

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019



VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido.** São Paulo: Cultrix, 1980